

# Valor

## EU & CARREIRA

MBA

# Escolas de negócios abrem espaço para cônjuges estudarem de graça

Para agradar alunos casados, elas incluem parceiros como ouvintes em salas de aula. Por **Adriana Fonseca**, de São Paulo

Em julho do ano passado, o casal Karina e Alexandre Rodrigues embarcou rumo aos Estados Unidos. Com 29 anos na época e um cargo de média gerência em uma empresa do varejo, Alexandre decidiu que era hora de dar uma pausa no trabalho para se aperfeiçoar com um MBA. "Pedi demissão porque queria estar livre para novas oportunidades profissionais", diz.

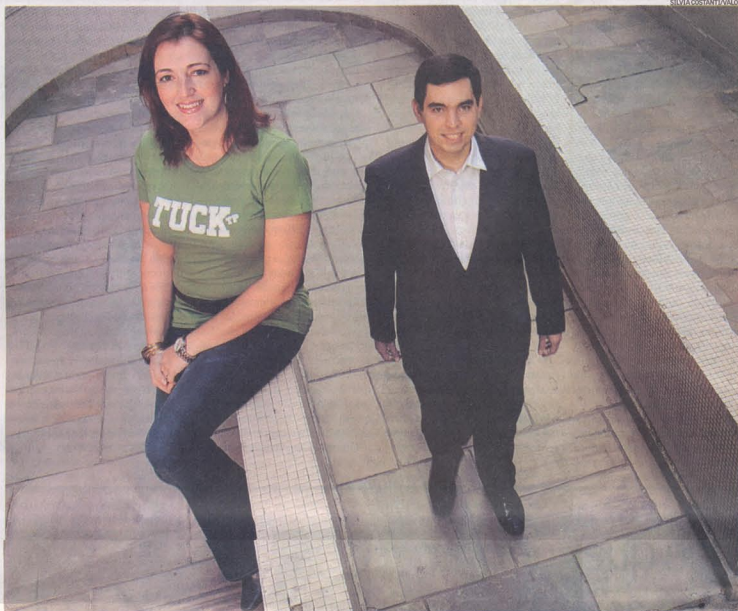
Neste mês, o administrador de empresas está em seu "summer job" no trabalho feito pelos alunos do curso nas férias, na consultoria Booz & Company, em São Paulo. "Tinha experiência de sete anos no varejo no grupo Pão de Açúcar e no Makro Atacadista. Escolhi a consultoria por achar que estava na hora de mudar de área", explica.

Quando decidiu cursar um MBA fora do país, Rodrigues recebeu as mais boas notícias de algumas escolas. Depois de muita pesquisa, chegou a três nomes: Tuck School of Business, Kellogg School of Management e Haas School of Business, todas nos Estados Unidos. Ao participar das sessões informativas que as escolas oferecem no Brasil, para dar mais detalhes dos cursos, descartou as duas últimas por não serem muito receptivas aos "partners" — maridos e mulheres dos alunos do MBA. "Era muito importante que a Karina também fosse bem recebida. Ela já estava saindo do emprego no Brasil para me acompanhar e não poderia trabalhar lá. Quando soube que em Tuck ela poderia assistir algumas aulas de graça, como ouvinte, não hesitei mais", conta.

Formada em análise de sistemas e com 12 anos de experiência no varejo, Karina, de 32 anos, está aproveitando a temporada de estudos do marido para se aperfeiçoar também. Em um ano, assistiu aulas de nove disciplinas, tanto do MBA quanto da graduação, boa parte na área de marketing. "Quero dar uma virada na minha carreira quando voltar para o Brasil em 2012. Minha ideia é fazer uma pós em marketing e passar a atuar mais nessa área", diz.

Para assistir as aulas gratuitamente, Karina enviou um e-mail ao professor titular da cadeira explicando as razões de seu interesse naquela disciplina. "Eles só não permitem quando os casais já estão matriculados".

Diretora de admissões da Tuck School of Business, a escola de negócios do Dartmouth College, Kristine Laca afirma que os cônjuges são uma parte importante



Karina Tornello acompanhou nove disciplinas do MBA que o marido Alexandre Rodrigues realizou em Tuck. "Foi tão bom que voltei querendo dar uma virada na carreira", diz

da comunidade de Tuck e, por isso, são encorajados a assistir algumas aulas de graça.

De acordo com ela, a decisão de permitir a presença do aluno ouvinte é do professor titular. "Na maioria dos casos não existem restrições. Os 'partners' podem participar desde aulas de negócios até de história do teatro e de idiomas", diz a diretora. Segundo Kristine, entre 25% e 40% dos alunos de MBA em Tuck chegam ao campus acompanhados — a maioria deles assiste pelo menos duas disciplinas durante os dois anos de duração do MBA.

Permitir que os cônjuges dos alunos de MBA assistam aulas de graça não é algo novo, mas tem se tornado mais comum, segundo Ricardo Betti, sócio da MBA Empresarial, especializada em aconselhar candidatos a cursos de MBA no exterior. O benefício tem se popularizado com a crescente necessidade das instituições de ensino executivo em atrair cada vez mais estrangeiros para suas salas de aula. Uma for-

ma de manter o caráter global dos programas, além de garantir um número maior de alunos.

Tuck é considerada uma das escolas mais receptivas aos familiares dos alunos, segundo Marcelo Ambrozio Ramos, diretor da MBA House, consultoria de admissão em MBAs internacionais. Mas há outras instituições que permitem a presença dos cônjuges nas aulas como ouvintes. Harvard Business School, Wharton, na Universidade da Pensilvânia, Ross School of Business, na Universidade de Michigan, e Chicago Booth School of Business são alguns exemplos.

Em todos os casos, com raras exceções, os alunos ouvintes não são autorizados a participar ativamente das aulas. Não podem, por exemplo, fazer perguntas, provas nem participar dos trabalhos. Também não têm direito a diploma. Ainda assim, Karina considera a experiência vantajosa. "Ouço as mesmas coisas, estudo do mesmo e tenho acesso ao mesmo material que os alunos

pagantes. Aprendo muito", diz.

Ana Paula Gabanela Landini, 31 anos, conseguiu o privilégio de participar ativamente da disciplina "negócios em meio ambiente" em Tuck mesmo sendo aluna ouvinte. Advogada, Ana Paula trabalhava com direito ambiental no frigorífico JBS antes de ir para os Estados Unidos, em 2010. Como tinha experiência profissional na área, a professora pediu que fizesse uma apresentação sobre o descarte de resíduos do JBS. "Essas disciplinas relacionadas à minha carreira pensando no meu futuro profissional. Acredito que essas matérias vão enriquecer o meu currículo".

A diretora de transição de carreira da consultoria Right Management, Matilde Berna, concorda. Para ela, assistir uma disciplina inteira, mesmo na condição de ouvinte, agrega conhecimento e pode valorizar o passe do profissional — ele pode dizer que teve um determinado número de horas de aula no curso daquela instituição. "O mercado

valoriza experiências que viram conhecimento e que estejam ligadas à carreira", diz.

Liliane Junqueira Antunes, de 32 anos, chegou aos Estados Unidos em 2009 acompanhando o marido, Bruno Maia Antunes, 30, inscrito no MBA da Ross School of Business, escola de negócios da Universidade de Michigan. Antes de viajar, foi informada que poderia assistir aulas de graça desde que estivesse matriculada em alguma faculdade no Brasil. Mesmo sem ter vínculo universitário no país, ela conseguiu participar de cinco disciplinas. "Aceitar o aluno ouvinte na sala de aula depende apenas do professor, não se trata de um programa formal da escola".

Para Betti, da MBA Empresarial, é muito importante ter um "plano de voz" para o cônjuge do aluno do MBA. "O casal tem que planejar bem e ocupar o tempo dos dois. Caso contrário, haverá um descompasso muito grande de agendas, interesses e motivações durante o período do MBA", afirma.

## Objetivo é entreter toda a família dos estudantes

De São Paulo

Fazer com que maridos e mulheres dos alunos de MBA se sintam bem-vindos ao campus é preocupação comum entre as escolas de negócio internacionais. Quase todas têm um clube dos "partners", que organiza as mais variadas atividades para entreter a outra metade do casal. "Há um esforço muito grande por parte das escolas para integrar os cônjuges", afirma Ricardo Betti, sócio da MBA Empresarial, especializada em aconselhar candidatos a cursos de MBA no exterior.

Na escola de negócios Insead, com unidades na França e em Singapura, os acompanhantes dos alunos têm até uma intranet para se comunicar. Batizada de "MBA Connect", a rede concentra todas as atividades promovidas pelos "partners" — que não são poucas. Eles organizam, por exemplo, o dia da diversidade cultural, passeios para conhecer a cidade, workshops para os que têm filhos, jantares, clubes de culinária e esportes. Além disso, há atividades mais radicais como mountain bike e alpinismo. Além disso, os "partners" usam a rede para conversar sobre oportunidades de trabalho e dão dicas de moradia, médicos e do estilo de vida local. Participam também dos clubes organizados pelos alunos do MBA, que fomentam o networking entre pessoas dos mais variados países.

"A participação em algumas dessas atividades, contudo, depende da aprovação do presidente do clube", adverte Pejay Belland, diretora de marketing, admissão e assistência financeira do programa de MBA da Insead. Segundo ela, cerca de 30% dos estudantes chegam à escola acompanhados de seus parceiros.

Na Ross School of Business, os cônjuges também têm um clube próprio e logo que chegam ao campus são convidados a participar da organização de eventos para os alunos do MBA como voluntários. "É uma boa forma de vivenciar a dinâmica do programa e ter contatos com os alunos", afirma Renata Tilkin, 31 anos, formada em administração de empresas, ela tirou uma licença de seu trabalho para acompanhar o marido durante seu tempo de estudos nos Estados Unidos. Quando esteve lá, entre 2009 e 2011, havia um grupo de 12 "partners" brasileiros. Eles se uniram e criaram um novo clube, o Brazilian Business Student Association (BBSA), que organiza até cursos de português para estrangeiros. "Acabei dando aulas para alunos europeus e americanos do MBA", conta. "É fácil se integrar, a escola oferece ambiente para isso", diz. (AF)